

Complexidade, diversidade e condição humana

A *diferença* como marca constitutiva, a *dignidade* como construção deliberada

Resumo

Tendo como **pretexto reflexivo** o 55º aniversário da Fundação Liga e como **contexto de reflexão** a própria instituição nas suas dinâmicas de desenvolvimento, pretendemos com a presente comunicação reflectir acerca da **condição humana** na questão particular das suas marcas ontológicas e das acções intencionais que podem ser desenvolvidas para salvaguardar e garantir, em todas as situações, a dignidade do ser pessoa.

Assim, num primeiro momento, tecemos breves considerações acerca das perspectivas de desenvolvimento que nos parecem inscritas na **história de vida** desta instituição, e nos modos como tem vindo a reconfigurar-se ao longo do tempo, constituindo-se progressivamente como organização reflexiva e aprendente e, destacando nela uma perspectiva ética de intervenção (pessoal e institucional) de natureza pedagógica, reflexiva, crítica e socialmente relevante.

Num segundo ponto, e no quadro dos **conteúdos temáticos** referenciados às questões da complexidade e da diversidade humana, aportamos à reflexão **três ideias**, que reconhecemos como possíveis fundamentos conceptuais no aprofundamento da consciência cívica e na concepção/construção de modelos de desenvolvimento pessoal, institucional e social mais solidários, equitativos e justos.

A primeira, centrada na **ideia de diferença** entendida como traço constitutivo e marca singular do humano (e como valor acrescido) na sua relação com a **qualidade da educação** como factor inalienável no desenvolvimento de um tipo de racionalidade e de acção que, em todas as circunstâncias, reconheça, valorize e promova a sua dignidade intrínseca.

A segunda, procurando alertar para as múltiplas contradições e formas de violência que persistem nas concepções e nas práticas sociais discriminatórias e para a **natureza social e culturalmente construída das abordagens à questão da dignidade humana** como horizonte ético das sociedades através de culturas sociais equilibradas e sustentáveis.

Por fim, e relevando o **papel da investigação** na continuada reconfiguração epistemológica das perspectivas de desenvolvimento institucional, aportamos um olhar exterior aduzido por alguns estudos cujos contributos nos parecem oportunos, pertinentes, partilháveis e enriquecedores de uma visão mais solidária e mais generosa do mundo.

Deles, referenciamos, na linha das modelizações complexas e dos desígnios de bem que sustentam a própria ideia de humanidade, o desenvolvimento de um tipo de **inteligência como exercício complexo, sistemático, criativo, intencional e estratégico** (individual e colectivo), realizado na **confluência de saberes diferenciados** e no reconhecimento da mais-valia das particularidades que os singularizam.

- **O aniversário como pretexto reflexivo/ a Fundação Liga como contexto da reflexão**

O 55º aniversário da Fundação Liga constitui o pretexto e a razão mais imediata para o Encontro¹ que, em jeito de celebração, aqui nos reúne.

¹ Colóquio Europeu, *Complexidade e Diversidade Humana*, Fundação Liga, Lisboa.

Trata-se de uma instituição que, ultrapassando já meio século de existência, conta (e festeja) uma *história de vida* centrada em dois eixos fundamentais.

O primeiro, traduzido no **compromisso com o desenvolvimento humano**, na tripla dimensão pessoal, institucional e social, tem subjacente um referencial de ética universal, fundado na ideia de dignidade de todo o ser humano independentemente das suas marcas identitárias diferenciadoras.

O segundo eixo, traduzido no processo continuado e sistemático de (re)**construção de conhecimento**, vinculado à procura de concepções, modelos e estratégias de acção promotores de desenvolvimento, inscreve-se, precocemente aliás, nas perspectivas que reclamam para as pessoas e para as instituições a capacidade de se pensarem e de, nesse processo, poderem evoluir e desenvolver-se de forma continuada.

A **Fundação Liga** reconhece-se, assim, nas instituições que se assumem como **organizações reflexivas**, comprometidas com uma **ideia de bem** subjacente e fundadora de todas as suas formas de intervenção social, projectos e modos de construir conhecimento.

Ou seja, preside-lhe uma ideia de reflexão e de consciência crítica e ética, que subjaz à intervenção nos contextos e à reflexão sobre ela (enquanto factor de desenvolvimento continuado), à preocupação com a qualidade da formação dos seus membros e à investigação percebida como fonte inalienável de inovação e de progresso.

Trata-se assim, de uma verdadeira transição de paradigma que vem, ao longo dos seus cinquenta e cinco anos de existência, redesenhando e modelizando, com cada vez maior profundidade, aquilo que hoje designamos como **instituição reflexiva e aprendente**.

Celebrar o seu aniversário, fazendo da festa uma oportunidade para reflectir é, pois, dar continuidade a essa incessante procura de novos horizontes conceptuais e estratégicos e constitui, neste dia, apenas mais um indicador de evidência de uma linha de pensamento que lhe é matricial.

Na fase de transição que atravessamos, esta, tal como outras instituições reflexivas e dispostas a aprender a partir de um olhar sobre si próprias, permite-nos pensar que se *acendem algumas luzes* na perspectiva de um conhecimento mais abrangente e mais profundo acerca das opções epistemológicas e metodológicas com que as sociedades e as suas organizações enfrentam os problemas do desenvolvimento e da formação dos cidadãos ao longo da vida.

Ou, se dito de outro modo, na procura de um conhecimento que humaniza as relações configurado na lógica dos **sistemas interactuantes e generativos**, que se desenham nas perspectivas da sistémica e se reconhecem nos **princípios da complexidade**.

Trata-se de instituições, pessoas e organizações que, assumindo uma **nova consciência** no que refere aos problemas associados à diferença e à diversidade e uma, também nova, intencionalidade no compromisso com a criação de situações de reconhecimento e dignificação das pessoas na sua intrínseca singularidade, transformam concepções em convicções e convicções em acto, numa atitude **social e pedagogicamente transformadora**.

São, por isso, pessoas e instituições em mudança que, na sua própria vivência e no seu percurso, contam a história da sua evolução e do seu próprio desenvolvimento, coerentes com essa procura de mais dignidade e na linha da resistência às abordagens ao humano de matriz tecnicista, mutilante, simplista e redutora da complexidade que o caracteriza.

Por isso também, esta honra de estar aqui e poder festejar uma delas que, talvez não por acaso, se chama Liga.

Feliz designação para uma organização que, quer ao nível da sua *praxis*, quer ao nível da investigação sobre os processos de desenvolvimento em todas as suas dimensões, assume como referencial de pensamento e de acção essa mesma complexidade nos seus princípios fundadores de abertura, religação e convergência.

Apostada na inovação e na mudança, através da renovação continuada do pensamento fundador e estratégico, a Fundação Liga e o Centro de Estudos da Complexidade e Diversidade Humana, que lhe é alicerce epistémico, deve à *visão de mundo* das pessoas, que sucessivamente a vêm integrando, a evolução das concepções e das práticas de intervenção, o fulgor e a profunda humanidade dos seus princípios reitores.

Tal como estudos de graduação, formação especializada e de pós-graduação aqui desenvolvidos e em desenvolvimento evidenciam, as dinâmicas promotoras de mudança configuram nesta instituição uma **epistemologia da complexidade**, que une e religa em vez de separar, que inclui em vez de excluir, que não rejeita o incerto, antes o acolhe como efeito potencial de inovação, de progresso e de oportunidade.

Encarando o seu papel social como um fenómeno global, responde aos princípios da totalidade, da hologramaticidade e da recursividade, numa leitura sistémica quanto ao modelo de acção e, profundamente humana, quanto aos referenciais epistemológicos que lhe dão suporte.

É, sobretudo, nesta capacidade de cada instituição poder, sobre si mesma, fazer incidir um olhar interno e nas características desse olhar, que descobrimos um pensamento de *design* complexo,² inscrito numa visão onde o pessoal e o social se comprometem

² Este percurso traz-nos à memória Manoel de Barros² e as suas *ferramentas* mágicas que, a existirem, dariam à vida e ao viver um outro sinal, uma outra grandeza e um outro sentido: um *abridor de amanhecer*, um *prego farfalha*, um *encolhedor de rios* e um *esticador de horizontes*. Um *encolhedor de rios*, porque quando os obstáculos se apresentam como rios intransponíveis seria extraordinária, mágica mesmo, essa possibilidade de os reduzir, de os encolher e de os deixar à mercê de um pequeno salto. Um *esticador de horizontes* porque, quando estes se nos fazem estreitos e se fecham sobre nós os seus limites, encurtando as vistas e os próprios olhares e, nesse fechamento, encurtando também a capacidade de sonhar e o desejo de prosseguir, seriam inestimáveis os contributos de novas *ferramentas* capazes de, na sua especificidade, rasgar as paisagens conceptuais, abrindo-as a todos os possíveis. Sendo muito mais do que belas metáforas, estas imagens trazem consigo a força da imaginação criativa no redesenho das práticas e das atitudes face às dificuldades e aos esforços que se ensaiam para as ultrapassar. No caso presente, o que nos parece é que, na Fundação Liga, *os rios* se têm vindo a encolher, dando lugar a uma abertura epistemológica mais complexa, mais compreensiva, mais integradora e mais inclusiva como se a magia do *esticador de horizontes* estivesse a passar por aqui.

mutuamente, dando lugar à procura e à emergência de planos de trabalho *não standard*,³ à justa medida de cada situação, de cada momento e de cada circunstância.

O reconhecimento da complexidade inerente aos fenómenos sociais e humanos e a capacidade para os compreender e representar em modelizações cada vez mais abrangentes, respeitadoras da dignidade de cada ser humano e integradoras, porque não fogem aos desafios da incerteza e da imprevisibilidade, constituem, do ponto de vista da sua identidade epistemológica, um notável avanço paradigmático, que saudamos particularmente, e não obstante todos os constrangimentos que sempre, como *as pedras no caminho*⁴, desenham o próprio caminhar.

Na Fundação Liga, tal como em qualquer outra instituição reflexiva, reconhecem-se nos seus processos de desenvolvimento factores de etiologia muito diversa que, determinam o respectivo desenvolvimento percebido no quadro do desenvolvimento das próprias sociedades.

Uns, como efeito da intencionalidade humana com vista à introdução de ordem, direcção e procura de sentido para os fenómenos que nelas ocorrem, outros, de cariz aleatório, que não decorrem da ordem do estabelecido, mas sim da sua natureza instituinte caracterizada pela incerteza, pela emergência e pela imprevisibilidade.

Os fenómenos do desenvolvimento tornam-se, por isso, fenómenos complexos, sempre incertos e instáveis, podendo, pelo dinamismo das suas características, **refazerem-se continuamente à procura de mais elevados níveis de estabilidade quanto à incerteza e de progresso quanto às aspirações de desenvolvimento.**

É, aliás, nesta condição de transitoriedade e de possibilidade de mudança que a própria ideia de desenvolvimento (das pessoas, das instituições e das sociedades) encontra sentido.

Considerando, embora, os factores emergenciais como elemento fundamental neste movimento de pensar melhor os modos como nos organizamos e vivemos é, no entanto, **na acção reflexiva e reflectida, enquanto pensamento e acção estratégicos e críticos**, que a humanidade se procura e, nesse movimento, também continuamente, se desafia e reconstrói.

Ou seja, na **consciência** e na **intencionalidade**, que preside às perspectivas e aos processos promotores de mudança no sentido de evolução.

³ Sá-Chaves, I. A Construção de Conhecimento pela análise reflexiva da *Praxis*, Fundação Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia, Tese de Doutoramento, Lisboa, 2002.

⁴ Drummond de Andrade, C. *Tinha uma pedra no caminho*, in *Alguma Poesia*, Ed. Pindorama, 1930.

- **O colóquio como oportunidade reflexiva / enfoque temático**

Nesta linha de pensamento, o colóquio que aqui nos reúne sob o tema da **diversidade humana** e da **complexidade** é, nesta atitude de reflexividade como exercício permanente e de cuidada atenção aos valores do humano, apenas mais uma oportunidade na construção de conhecimento.

Neste **contexto temático**, parece-nos importante trazer a esta mesma reflexão **três ideias** que, do nosso ponto de vista, fundamentam o tipo de abordagem que a Fundação Liga tem vindo a desenvolver nesta procura de respostas sociais mais incluídas, mais solidárias e mais centradas na dignidade humana.

Uma primeira tem como fundamento a ideia de **diferença**, percebida como matriz da condição humana, e a **qualidade da educação e da formação**, como factor determinante do desenvolvimento pessoal e social.

Uma segunda ideia retoma a reflexão acerca dos modos como, nas sociedades contemporâneas, se concretiza (ou não) a ideia de **dignidade** de cada ser humano, antes e para além de todas as marcas diferenciadoras, reclamando de novo para a educação um papel transformador das concepções e práticas tradicionalistas de inspiração positivista.

Por fim, e a partir de um olhar externo, retomamos alguns **contributos da investigação** nesta procura de conhecimento, que permitam o aprofundamento das concepções e das estratégias de formação que possam incentivar, estimular e promover a criação de condições favoráveis ao desenvolvimento das pessoas e das instituições na perspectiva de **culturas identitárias mais generosas e mais solidárias**.

1. Da diferença como atributo constitutivo do humano...

Em todos os seus matizes e significados, a diferença constitui a grande e fascinante marca do humano, introduzindo a **condição diversa** no fluxo de regularidades que permitem a cada pessoa, quer o reconhecimento mútuo e a relação de pertença, quer a singularidade, traduzida na inalienável consciência de Si, enquanto ser único e irrepetível.

Do ponto de vista antropológico, esta marca diferenciadora, na síntese das determinações biológica, cultural e humana não se restringe à singularidade do sujeito, já de si extraordinária se pensada à escala universal, mas amplia-se, quando pensada nas **dinâmicas intrínsecas** aos processos de desenvolvimento pessoal e /ou social a que todos estamos votados.

Ou seja, quando inscrita nas perspectivas que sustentam a ideia de **transformabilidade**, de evolução e de desenvolvimento continuado.

De facto, para além dos factores identitários estabilizadores que reconhecem e assemelham, mas não igualam, cada qual a cada outro, cada ser humano traz, também como atributo, esta condição de poder ser *outro*, sendo o mesmo, de ser ainda e de ser de novo, numa abertura ao mundo e ao futuro, que alimenta de esperança todo o

processo de desenvolvimento no fluir das vidas, das gerações, das culturas e das civilizações.

Resgatar, então, as ideias de **educabilidade e de desenvolvimento** e procurar-lhes um sentido novo, que possa reconhecer a **diferença como mais-valia** e a **dignidade do humano em cada ser**, poderia constituir um desígnio maior se, a tanto, nos atrevêssemos numa escala que tornasse esse sentido universal para além das palavras e das declarações que já o reconhecem e enunciam.

Na fenomenologia do humano cada estágio é pura condição em permanente devir, no qual se jogam a singularidade fundacional do sujeito e as pluralidades múltiplas que o desdobram em cada contexto, em cada momento e em cada circunstância, abrindo espaço a novas configurações identitárias redesenhadas no ampliar/aprofundar da consciência e do conhecimento de si.

Com efeito, é nesta **ideia dinâmica do ser**, que todas as classificações e rotulagens se anulam e novas possibilidades de compreensão se adivinham numa lógica de *estar sendo*, alentando uma enorme esperança no futuro pessoal e colectivo de todos, sem qualquer excepção.

Somos de facto seres *em trânsito*, quer disso tenhamos consciência, quer não.

A este respeito referia Miguel Rovisco⁵, de forma precoce e sábia, que *não sendo ninguém simplesmente bom ou mau*, seríamos todos *principalmente conforme*.

Fugindo às armadilhas conceptuais da disjunção e da classificação valorativa mutuamente exclusiva, o que o autor nos propõe é uma *leitura* muito mais complexa do humano que desenha, na variabilidade constante dos contextos, a contingencialidade do ser em situação.

Por outras palavras, é no modo como enquanto sociedade, enquanto família e enquanto escola respondemos a este desafio, que o futuro de cada cidadão se desenha (ou não) nos limites da dignidade humana que, como referimos anteriormente, as convenções declaram e legitimam, mas que, só por si, não garantem.

É, portanto, e para além dos referentes teóricos que a legitimam, uma questão da *praxis*, percebida como acção informada pelos valores de bem.

Por outras *arquitecturas* conceptuais, também outros pensadores, dos quais obviamente destacamos Pessoa, nos deixam como legado universal de conhecimento esta possibilidade da representação múltipla do Eu como **ensaio de ser de outro modo**, aberta a *sala de espelhos* que, na reflexão sobre si próprio, se amplia, se refaz e se engrandece.

⁵ Miguel Rovisco, dramaturgo português, nasceu em 1959, em Lisboa, e suicidou-se em 1987, na mesma cidade. Autor das obras *Trilogia Portuguesa* e *Trilogia dos Heróis*, além de numerosos textos inéditos, foi distinguido em 1986 com o Prémio Nacional de Teatro, tendo-lhe sido, postumamente, atribuídos os prémios Garrett, pela peça *Retrato de uma Família Portuguesa*, e Garrett para a Juventude, por *Histórias de Tobias*.

E a sua referência *Plural como o universo* poderia, então, constituir a metáfora da diferença, da alternativa e da possibilidade, que consagra a especificidade da diversidade humana e os horizontes amplos dos processos de desenvolvimento, seja qual for o ponto de partida.

Por isso, à diferença como marca constitutiva do humano e como determinante da diversidade, importa reconhecer as suas manifestações múltiplas e subtis que, pela sua abertura e variabilidade, permitem: renovar patrimónios estabelecidos; ampliar e humanizar perspectivas e visões de mundo; fecundar territórios conceptuais e metodológicos e (ainda) transformar e melhorar práticas de intervenção nos processos educacionais e de desenvolvimento humano através dos quais se afirmem os fundamentos de dignidade para cada qual e para todos.

E, nesta perspectiva, a diferença não se desenha apenas como um direito, constituindo, na sua essência, uma marca identitária indelével na composição multifacetada e hiper-complexa a que chamamos humanidade e a que chamamos mundo.

Por isso, a uma lógica de “somos todos muito iguais” uniformizadora e redutora do potencial de variabilidade do humano, importaria acrescentar uma lógica de “somos todos muito diferentes” para que as marcas de diferenciação pudessem ser chamadas à **criação singular e colectiva** e ao compromisso com os objectivos de reconhecimento e de pertença solidária a um mesmo mundo.

Todavia, e como referimos anteriormente, trata-se um atributo que, embora constitutivo do humano (e evidente) e de ser o fundamento de todos os discursos de inclusão e de reconhecimento que se inscrevem no esforço de inovação no processo de transição paradigmática que atravessamos, não é ainda cabal e suficientemente considerado.

É, pois, no **confronto deste discurso de reconhecimento da singularidade e da diferença com práticas culturais e educacionais discriminatórias**, injustas e promotoras de todos os tipos de violência e indignidade e que, de forma mais ou menos velada percorrem as sociedades contemporâneas, que urge continuar a aprofundar e difundir visões de mundo e abordagens educacionais (epistemológicas/axiológicas, organizacionais e relacionais) portadoras e indutoras de uma **ideia de bem comum** e universal.

2. Da dignidade como horizonte solidário...

Ao contrário da diferença, dizíamos, a dignidade não é percebida por todos como um dado adquirido, nem como marca constitutiva do humano.

Ela constitui-se como **ideia generosa do mundo e como construção deliberada**, com fundamentos axiológicos numa perspectiva ética referencial, que possa legitimar os direitos e os deveres de cada pessoa enquanto cidadã do (e no) mundo de todos.

As diferentes percepções, interpretações e valorações desse referencial, explicam os, mais que escandalosos, sinais de indignidade com que todos os dias somos confrontados, agora que os *media* nos revelam quotidianamente esse mesmo mundo e os seus paradoxos com a displicência de uma certa naturalidade induzida pela habituação.

Por isso, a dignidade é uma ideia, um objectivo e uma construção.

Manifesta-se como desejo e impele à luta e ao compromisso. É uma intenção cognoscível e um exercício consciente e lúcido de inteligência e, como tal, partilhável.

Como objectivo global, a dignidade reconhece-se no pensamento estratégico local, alicerçado num referencial ético universal e no **uso da inteligência pessoal e colectiva** para construir, em cada contexto e no fluir do tempo, soluções cada vez mais próximas dos problemas reais das pessoas e inscritas numa cultura de justiça e equidade e, desse modo, indutoras de paz.

Consciência ética, conhecimento e intencionalidade estratégica são, então, conceitos-chave de um universo conceptual mais vasto para que possamos, caso a caso e momento a momento, garantir mais qualidade à vivência humana.

Criar intencionalidade é, então, **criar consciência**, ampliando, nos sujeitos, os seus referentes, a sua visão de mundo e o compromisso com a sua transformação.

Tal como na *short story* de uma qualquer instituição, a longa história que conta a caminhada do ser humano, enquanto espécie, enquanto indivíduo e enquanto sujeito, funde-se na história dos processos de educabilidade, formação e desenvolvimento de pessoas, gerações, sociedades, civilizações e culturas votadas a esse mesmo desenvolvimento, como alicerce e fundamento da ideia de uma humanidade melhor.

A possibilidade de transformar a condição potencial de educabilidade em educação concreta, em saber pessoal e em identidades próprias e para além da mera formulação discursiva tem-se revelado, porém, um objectivo muito mais difícil de atingir, não obstante os sucessivos e incontáveis paradigmas conceptuais, epistemológicos e metodológicos, que se vêm sucedendo no terreno histórico e cultural desta incessante procura.

E, não obstante essas dificuldades e alguns desalentos, os esforços persistem e todos somos, em cada tempo e em cada lugar, protagonistas e testemunhas de uma ideia de bem que, por si mesma, nos envolve e nos desafia.

E é neste papel, paradoxalmente pequeno, porque somos sempre poucos (e porque o nosso tempo é, apenas, por agora) e avassalador, porque a todos se destina, reclama e acolhe (e é, supostamente, para sempre), que hoje nos encontramos para partilhar a *grande fala* desta aventura da nossa pertença ao mundo e que, como um murmúrio, atravessa o sistema global.

3. Da investigação como contributo reflexivo/ o espírito do vale...

A finalizar, e procurando trazer ao movimento confluyente da reflexão algum contributo exterior à instituição, que hoje nos recebe e nos inspira, parece-nos interessante poder

partilhar os contributos aduzidos por dois estudos de pós-doutoramento⁶ desenvolvidos na Universidade de Aveiro, sob minha orientação.

Trata-se de dois estudos de modelização integrada, realizados sobre o mesmo *corpus* empírico recolhido durante cinco anos numa Escola de Ensino Fundamental da cidade de Campinas do Estado de São Paulo, Brasil, na qual decorria um projecto de desenvolvimento curricular, institucional e pedagógico cujo objectivo era estimular e promover a qualidade educacional e o desenvolvimento pessoal e institucional, através da reflexão pessoal e colectiva.

Trata-se também de uma instituição que, à semelhança de tantas outras, e tal como vimos com a Fundação Liga, se tornou reflexiva *avant la lettre*.

Ou seja, desenvolveu internamente, mas em articulação com o seu próprio contexto e com a colaboração de dois investigadores externos⁷, um processo de mudança e de desenvolvimento auto-eco-organizado, antes ainda que a teoria tivesse podido formular esses conceitos e disponibilizar instrumentos que ajudassem a compreender, sistematizar e a transformar as práticas.

Recolhido o *corpus* ao longo de todo o processo, com informação detalhada, sistemática e representativa dos diferentes níveis de participação no processo⁸ foram, então, desenhados dois projectos de investigação pós-doutoral⁹, cujo objectivo foi conhecer mais profundamente como, naquele caso, se tornou possível estabelecer um clima de reflexividade institucional gerador de coesão, coerência, entusiasmo e inovação.

Nesse sentido, um dos projectos procurou compreender o modo como os contributos reflexivos individuais, na sua especificidade e diferença, foram apropriados pelo colectivo. Ou seja, perceber como se pode passar de um conceito de *profissional reflexivo* a outro de *instituição reflexiva*.¹⁰

Complementarmente, o outro estudo procurou conhecer como é que, no mesmo contexto, o pensamento e o conhecimento emergentes no colectivo, na sua eclecticidade, foram sendo apropriados individualmente.

Em síntese, pretendia-se perceber como é que as organizações aprendem a partir do individual e como é que os indivíduos aprendem a partir da sua imersão activa no *ethos* reflexivo de um colectivo.

Tratou-se, por isso, de um desenho investigativo de dupla modelização, no formato *estudo de caso* e numa abordagem qualitativa de matriz complexa, na qual, o objecto de estudo foi configurado globalmente e os princípios de recursividade e auto-regulação, bem como as ideias de emergência e de incerteza foram instrumentos conceptuais de grande valia epistemológica.

⁶ Desenvolvidos pelos Professores Doutora Ana Maria Falcão de Aragão Sadalla e Doutor Guilherme do Val Toledo Prado, da UNICAMP, Brasil.

⁷ *Vidè* nota anterior.

⁸ Professores, alunos, pais, coordenadores pedagógicos, directores de escola e de grupo curricular, representantes da autarquia e de associações culturais do próprio contexto.

⁹ Em Portugal, Universidade de Aveiro.

¹⁰ Reconhecidas desde logo as limitações da acção individual isolada na mudança institucional.

Os resultados evidenciam a concomitância dos dois processos, a sua natureza dialógica e recursiva num processo de retro-alimentação e sustentabilidade do sistema global constituído pela própria escola em contexto.

Individualmente, os professores que integram o estudo reconhecem o aprofundamento das dimensões do seu conhecimento profissional ao nível do conhecimento de conteúdo, pedagógico de conteúdo, pedagógico geral, dos aprendentes, dos contextos e, ainda, dos valores, fins e objectivos da acção educativa¹¹ numa abertura dos seus horizontes conceptuais e de acção e na (re)significação do conhecimento de si próprios,¹² a partir do **contacto com outras alternativas** que, tal como o *esticador de horizontes*, lhes rompia as fronteiras do próprio olhar.

Os factores que, globalmente, foram percebidos e indicados como mais determinantes do desenvolvimento (pessoal, institucional e contextual) que se constatou, apontam para o entendimento da **instituição como um todo**, a compreensão do **desenvolvimento como dinâmica intencional** e estrategicamente delineada, mas **aberta à emergência e ao próprio acontecer**, a **importância das especificidades aportadas pela diferença e o enriquecimento garantido pela diversidade de saberes, perspectivas, representações e práticas postas em comum** através de estratégias intencionais voltadas para esse fim, de par com o desenvolvimento das competências de **gestão integrada**, de **liderança humanizada**, de **coordenação solidária** e de **supervisão pedagógica, sistemática e atenta** de todo o processo.

Foi, porém e sobretudo, no **complexo tecer reflexivo dos princípios, que humanizam o fazer pedagógico, colaborativo, afectuoso e sustentável**, que o cerne do projecto ancorou, inscrevendo-o num desígnio universal de bem e no **reconhecimento da dignidade de todos** e de **cada um dos seus co-autores/destinatários**.

Exercício convergente de saberes múltiplos e de afectos tantos, este tecer conjunto das solidariedades, faz-nos evocar o *espírito do vale*, tal como Morin se lhe refere, ou seja, aquela ambiência de um lugar que, pelas suas características e coordenadas físicas, tudo acolhe, numa confluência sábia do diverso, do múltiplo e do diferente, tornando assim possível a emergência de uma entidade nova e fecunda: a ideia de religação, de multi-referencialidade, de co-criação e de continuidade para além de todas as efemeridades.

Lá como cá, esse lugar é um vale, nele estamos e somos, e chama-se mundo.

E poderia muito bem chamar-se **Liga**.

Idália Sá-Chaves

CIDTFF/Universidade de Aveiro

¹¹Shulman, L., *Those Who Understand: Knowledge Growth in Teaching*. in *Educational Researcher*, v. 15, n. 2, p. 4-14, 1986.

¹²Elbaz, F. *Questiones en el Estudio del Conocimiento de los Profesores*. in Villar Angulo, L. (Dir.) *Conocimiento, Creencias y Teorías de los Profesores*. Alcoy: Marfil, 1988, p. 87-95.

